

Villas-Boas questiona transparência e segurança de voto nas eleições do FC Porto

written by O Cidadão | 17 de Março, 2024



“Têm de ser apuradas responsabilidades quanto à segurança do museu e do Estádio do Dragão, que foi o palco escolhido pelo presidente da Mesa da Assembleia Geral para as eleições. Se essa segurança não está garantida, como é que iremos ter transparência e segurança de voto em 27 de abril? São questões que ficam sempre por esclarecer. As pessoas escudam-se no silêncio e, quando soltam os comunicados, os sócios reagem veementemente. Foi um episódio lamentável, que facilmente poderia ter sido evitado se houvesse comunicação entre as partes”, vincou Andrés Villas-Boas, em declarações à comunicação social.

O ex-treinador falava na sua sede de campanha, no Porto, no

final da apresentação de cinco associadas como candidatas pela lista **“Só há um Porto”** ao Conselho Superior nas eleições do clube ‘azul e branco’, que **decorrerão em 27 de abril, no Estádio do Dragão.**

No sábado, o FC Porto anunciou ter apresentado uma participação às autoridades pelo roubo de faixas das claques Super Dragões e Colectivo Ultras 95 no museu do clube, na sequência de um assalto ocorrido em 4 de março, dia seguinte à goleada aplicada em casa ao então líder isolado e campeão nacional Benfica (5-0), na 24.ª jornada da I Liga.

“Por decisão própria, o FC Porto optou por não comunicar aos sócios naquela altura em que as tarjas foram roubadas. Desconhece-se a razão pela qual o fez, mas vem em linha com uma série de ações que a direção está a tomar. Enviámos uma carta registada para que os sócios sejam esclarecidos sobre uma série de negócios estruturantes, de receitas e de questões. Este caso foi pior: os sócios e os representantes das claques não foram informados. O roubo de uma tarja é sagrado no movimento das claques. A constatação dessa realidade foi omitida e as claques reagiram de forma ostensiva”, disse Villas-Boas.

Notando que os suspeitos foram identificados através das imagens de videovigilância do museu, o FC Porto manifestou-se solidário com os grupos organizados de adeptos, que protestaram em silêncio durante a goleada ao Vizela (4-1), ontem, para a 26.ª ronda.

Se os Colectivo Ultras 95 deixaram as bancadas na primeira parte, sendo vaiados pela maioria dos adeptos portistas, que ripostaram com cânticos, os Super Dragões tomaram posição idêntica ao intervalo e viraram mesmo as suas faixas principais para cima, mas mudaram subitamente de ideias no início da segunda parte e jamais pararam de cantar.

“Há coisas que não se misturam. O protesto teve a ver com o

roubo que foi comunicado duas semanas depois e não com o ato eleitoral. O clube tem de se unir em torno daquilo que é sagrado. Os adeptos substituíram as claques, que tantas vezes animam o estádio. Foi uma forma de apoiarem a equipa. É de lamentar a atuação da direção, que assiste a isto de forma impávida, não comunica com os sócios e chuta para canto o que não lhe interessa. No final, a equipa conseguiu vencer e isso é o mais importante”, reconheceu o candidato à liderança do clube portista.

Fonte policial disse à agência Lusa que a PSP “já apurou prova nas diligências levadas a cabo” desde a queixa apresentada no início da semana pela direção de Pinto da Costa.

Antes da receção ao Vizela, as claques aperceberam-se do roubo do material e encaminharam-se para o museu do FC Porto, situação que levou o comandante do dispositivo de segurança da partida a dirigir-se aos Super Dragões e aos Colectivo Ultras 95 para dar explicações.